

**Da crítica de mídia à reconstrução de discursos:  
a mediação cultural jornalística em *Viomundo***

*From media criticism to the reconstruction of speeches:  
journalistic mediation in Viomundo*

William David VIEIRA<sup>1</sup>  
Cláudio Rodrigues CORAÇÃO<sup>2</sup>

## **Resumo**

O presente artigo aborda a relação existente entre a narrativa de mídias hegemônicas e suas práticas e a mediação proposta pelo site/blog *Viomundo* em cima destas ações e dos acontecimentos noticiosos. O objetivo é perceber como *Viomundo* se comporta diante desse cenário de tensão, abordando textos publicados no ano de 2014. A metodologia utilizada, de caráter interdisciplinar, embasa-se nos referenciais teóricos da comunicação e possibilita a compreensão acerca da mediação cultural jornalística presente no objeto de estudo. Assim, é possível entender que o site/blog se configura como um contraponto à mídia hegemônica, transitando entre a crítica e a reconstrução dos discursos veiculados, a fim de legitimar *seu* acontecimento noticioso.

**Palavras-chave:** *Viomundo*. Mediação. Comunicação. Jornalismo.

## **Abstract**

This article discusses the relationship between the narrative of hegemonic media and its practices and the mediation proposed by the *Viomundo* website/blog on these actions and the news. The objective is to understand how *Viomundo* behaves in the face of this tension scenario, using texts published in the year 2014. The methodology used, of an interdisciplinary nature, is based on the theoretical references of the communication and allows the understanding about the mediation present in the object of study. Thus, it is possible to understand that the website/blog is configured as a counterpoint to the hegemonic media, passing by the criticism and by the reconstruction of the speeches, in order to legitimize its news.

**Keywords:** *Viomundo*. Mediation. Communication. Journalism.

---

<sup>1</sup> Graduado em Jornalismo pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto).  
E-mail: williamdavidvieira@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação: meios e processos audiovisuais pela ECA/USP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Jornalismo da UFOP. E-mail: crcorao@gmail.com

## Introdução

Diariamente, o que se vê sob um formato em determinado canal de tevê aparece em mais canais sob outros formatos. Dessa maneira, somos alvos a todo tempo de informações diversas, mas por óticas diferentes. Com o fenômeno da globalização, o bombardeio de informações tornou-se corriqueiro. Essa questão foi intensificada com o advento e ascensão da internet, que fomentou um mundo mais interativo, mais conectado e interdependente. Os sujeitos passam a ser não só alvos do produto "informação" dos grandes veículos de comunicação, como também começam a executar papéis de detentores e, por conseguinte, produtores.

É nesse espaço que se encaixa *Viomundo*, site/blog idealizado e dirigido pelo jornalista Luiz Carlos Azenha. Com o slogan "O que você não vê na mídia", o site/blog se lança a uma crítica sobre a mídia hegemônica e se insere também como produtor de conteúdo ao reconstruir discursos, na tentativa de reforçar sua crítica e legitimar seu espaço na mistura política e jornalística. Levando isso em consideração, nosso trabalho pretende discutir os tensionamentos da relação existente entre a narrativa de mídias hegemônicas e a *mediação cultural jornalística*. Tal discussão nos encaminha para a posição de *Viomundo* neste confronto e nos guia para algumas hipóteses, como a) *Viomundo* se opor ao jornalismo pedagógico ou didático, mas fazer uso dele para reconstruir acontecimentos; b) a legitimação do discurso de *Viomundo* por meio da exposição de práticas da mídia hegemônica. *Viomundo* se mostra, assim, como um espaço que busca chancela de seu local de fala e de acontecimentos noticiosos por meio do "desnudar" alheio.

Com parte da população mundial tendo acesso a bens tecnológicos, tornou-se mais fácil registrar momentos, contestar enquadramentos de um mesmo acontecimento noticiado por mais de um veículo e produzir enquadramentos, isto é, dar visão a outros lados de um mesmo acontecimento noticioso. A imprensa escrita, o rádio, a televisão, a internet, cada meio, cada suporte ofereceu maneiras diferentes de se prover e administrar o conteúdo informativo mundial, bem como novas maneiras de comunicar as novas pautas e as velhas. Durante sua análise acerca do assunto, Silverstone (2005)

inclui, também, as "[...] novas maneiras de articular desejos de influenciar e agradar" (SILVERSTONE, 2005, p.47). São novas maneiras de produção de sentido e, portanto, diferentes apropriações. Hoje, todos são, em certo grau, não só conteúdo, mas também, mídia.

Tal concepção nos faz deter os olhares sobre a discussão a respeito de enquadramento; e não há como falar de enquadramento sem abordar o assunto mediação. Estamos falando aqui, portanto, de uma abordagem do cotidiano por meio de uma cultura e um olhar que trazem à tona suas impressões e seus interesses, com um quê de identificação ou mera pretensão desta como cenário de fundo.

## **Mediação e seus desdobramentos**

Há um espírito educacional em *Viomundo*, de modo que a representação sobre a realidade é quase sempre uma reflexão sobre a atividade jornalística, seus papéis e condutas. O painel é controverso, por vezes, a partir dessa sua composição pedagógica. É evidente que um desenho estrutural de "crítica de mídia" se constrói em características discursivas agudizadas.

Por isso, a representação do fato social pode ser interpretada à luz de teorias que versem sobre o conceito de mediação. Desde teorias da comunicação de aspecto funcionalista (o modelo de Lasswell, as investigações urbanas e interacionais da Escola de Chicago, a Teoria da Informação etc.), a informação é medida ora como um valor cultural, ora como elemento de eficácia do processo comunicativo. Se atrelássemos esses pressupostos conceituais às circunstâncias da sociedade contemporânea, destacaríamos certas incorporações contra-hegemônicas no fluxo emissor-mensagem-receptor, levando em conta a apropriação pelo receptor em contraste com a informação regida e fabricada pelo emissor, possibilitando, assim, outras categorias de análise e alargando o tão prolapado "efeito de mídia" na sociedade.

É prudente salientar que a informação é pleiteada por um princípio de orientação discursiva, atrelada às condições de produção de sentido narradas. Martín-Barbero (2009) elucida tal inquietação/tensão: os meios de comunicação massivos são questionados em sua onipotência por se configurarem como parte frágil das novas

disposições sociais em seus níveis de interpretação e usos da cultura (categorias oriundas dos Estudos Culturais ingleses). As hierarquias *temporalidade social*, *cotidianidade familiar*, *competência cultural* dialogam com Hall, nesse sentido, quando se percebe que a mediação sedimenta uma nova demanda epistemológica, qual seja, a sistematização da circulação da informação por um entendimento comunitário, e não de circuito.

*Viomundo* seria um bom exemplo dessa apropriação conceitual? A internet dá conta dessas inquietações ou estamos apenas relativizando questões de aspecto secundário? Se projetarmos esse debate teórico a respeito do poder do paradigma da comunicação de massa, ou de sua relativização, devemos nos atentar ao que nos diz Williams (2011):

Precisamos examinar outra vez esses elementos [a difusão dos meios de comunicação de massa] factuais familiares para que sejamos capazes de rever adequadamente a ideia de "comunicação de massa" que é seu produto. Em suma, essas mudanças nos deram mais livros, revistas e jornais; anúncios e cartazes; programas de rádio e televisão; vários tipos de filmes, todos normalmente mais baratos. Seria difícil, acho eu, expressar um juízo de valor simples e definitivo sobre todos esses produtos tão variados; no entanto, todos eles são coisas que precisam ser avaliadas. Minha pergunta é se a ideia de "comunicação de massa" é uma forma útil para isso (WILLIAMS, 2011, p.326).

Em contraponto ao questionamento de Williams, Adorno e Horkheimer (1985) apontam:

Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista o seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100).

Não deixa de ser curiosa essa peleja, porque ambas as visões vislumbram o entendimento de cultura de massa como norteadora, de certa maneira, das tensões e dos conflitos sociais. O que se coloca no centro da discussão é que uma identidade

fortemente marcada pela presença de uma cultura de massa é definidora, em muitos momentos, de uma composição identitária midiática. Morin (2011) sintetiza as transformações midiáticas, a partir dos anos 1950, essencialmente na explicação de que as identidades são portadoras de elementos estéticos embalados por uma cultura de massa. Tais orientações são postas à prova em "n" elementos da vida social: amor, felicidade, cotidiano etc.

As identidades contemporâneas se fragmentam em decodificações interpretativas e apropriações dos significados discursivos midiáticos. Essa espécie de condição do contemporâneo pode ser vinculada às identidades do *constructo* (um termo muito utilizado por Morin, aliás) jornalístico. O jornalismo, mais do que qualquer outra experiência midiática, é porta-voz do que poderíamos chamar de agente mediador por natureza. Entretanto, sua identidade também pode estar ligada à construção de mitos morais. E discursivos. Lopes (2013) estabelece três lugares de fala, ao refletir sobre a identidade jornalística na contemporaneidade: gnosiológica (relacionada à consciência do que se pretende ser), retórico-discursiva e funcional. Ao estabelecermos um vínculo entre as categorias de Lopes com o nosso objeto, *Viomundo*, o que se nota são panes na mediação, já que tantas identidades se diluem nas falas autorreferenciais. As funções do jornalismo são sedimentadas, portanto, em tempos de internet e comunicação digital, como instâncias discursivas convocatórias. Desse modo, o jornalismo se adéqua a instrumentos vitais de composição identitária. Para Prado (2013), as convocações midiáticas são assimiladas em uma espécie de dicotomia da hiper-realidade com certezas colocadas em potência discursiva: "No mundo contemporâneo, há uma infinidade de enunciadores, que, além de informar e responder (...) também nos convocam para programas específicos" (PRADO, 2013, p.10).

A mediação é, assim, peça chave do entendimento de mundo, instrumento especial para se aferir objeto de qualquer natureza, não necessariamente um produto midiático. Somos, além disso, sujeitos impregnados em uma lógica de circulação de informação estritamente política. *Viomundo* se insinua em uma presença desconfortavelmente política, nesse sentido. A configuração ética do site/blog é lapidada com certa proposição editorial, mas a confusão se estabelece no que se refere aos diálogos embalados por uma falsa dicotomia: a elucidação da causa pública de

resistência contra-hegemônica com a materialização de uma abordagem proselitista.

Poderíamos entender que as novas técnicas estão vinculadas a um princípio de subversão do tripé trabalho-escola-política (MARTÍN-BARBERO, 2009). Não deixa de ser interessante notar que, a partir desses princípios ordenadores da sociedade contemporânea, haja uma recondução do papel político e da representação midiática.

O que torna as questões de visibilidade mais impertinentes é que o necessário debate teórico sobre a comunicação se confunde com o conceito de representação social e suas várias acepções, de modo que qualquer dispositivo de controle passa a ser regido, em uma sociedade da informação, como valor de troca simbólica. A representação é projetada em uma hiper-realidade que condiciona os códigos da vida social. Ou seja, o mundo das fofocas, o *fait divers*, a língua afiada deixam de ser apenas instrumentos de validação discursiva. Condicionam-se também como agentes de uma estetização midiática.

Qualquer acontecimento se torna potencialmente urgente. Mas a urgência de determinada função jornalística, por exemplo, parece cada vez mais estar ancorada no diálogo com a sociedade e suas práticas. É nesse sentido que *Viomundo* se situa, evidenciando desajustes que são o seu próprio *constructo*. Esse aspecto identitário tenta reorientar as representações da "velha mídia" e "ressignificar" o mundo.

Mais do que destacar intertextualidades, o que *Viomundo* ratifica é um princípio idealizado do que poderia ser o jornalismo. Nesse sentido, a mediação não é apenas disposta na *competência cultural* (Ibid, 2009), mas também alojada na *práxis* do jornalismo como reelaboração de sua própria força, do seu poder em suma. A famigerada crise do jornalismo é tema de *Viomundo*, pois, a todo o momento, percebem-se práticas sociais deslocadas, principalmente da chamada *blogosfera*<sup>3</sup> versus a "velha mídia".

Não à toa a comunicação é uma marca que rege as relações colocadas em tensão. Mas tal dimensão está disposta, é bom que se diga, em uma representação da realidade, travestida pelo princípio norteador da razão. Se voltarmos às premissas dos

---

<sup>3</sup> Espaço virtual que compreende a comunidade dos *blogues*: páginas pessoais da internet, criadas por qualquer indivíduo, dedicadas a determinado assunto ou interesse. Por conta disso, podem ser compreendidos, nas esferas pública e virtual, com “menor” status/credibilidade que os portais dos grandes conglomerados de mídia.

apontamentos teóricos em torno da massificação (notadamente o embate Williams *versus* Adorno/Horkheimer), tudo fica um pouco fora da ordem. A mediação é fruto de demandas da sociedade. A mídia realimenta as significações e experiências (de caráter sensível acima de tudo). Mas o nó da questão da representação é a premissa de uma sociedade, paradoxalmente, invadida pela desinformação, pela pasteurização e pela abstração noticiosa. Por isso, entender os processos sociais é perceber o esteio das interações. É famosa a categorização de Thompson (2012) a esse respeito: *interação face a face, quase-interação mediada, interação mediada*. A partir da sistematização de Thompson, desenha-se um quadro teórico que redefine os fluxos dos processos comunicacionais. Portanto, discutir e apreender determinada corrente teórica na disposição de um objeto como *Viomundo* é também perceber o constante debate de caráter crítico.

Não seria ilógico perceber que a mensagem reapropriada pelo receptor pode ser “usada” no sentido de uma alteridade confrontada com o emissor. De modo que a atividade jornalística possa estar alocada por esse mesmo caminho, no qual as disposições de ordem moral do emissor se fincam a uma redefinição do exercer jornalístico pelo receptor.

Nisso há um quê de perversidade, já que o debate de natureza contra-hegemônica é vislumbrado não apenas nas interações eminentemente mediadas (THOMPSON, 2012), mas fundamentalmente por uma denúncia ininterrupta de certa corrupção da opinião pública pela “contaminação” discursiva da moral e do vaticínio de vigilante da democracia.

Acreditamos que *Viomundo* desconcerta a chave de informação da “velha mídia” quando estabelece o debate autorreferencial da representação política e quando estabelece um fio condutor dos “males” da interpretação da realidade feita pelo jornalismo mais “convencional”. Ou seja, a crítica de mídia, a observação dos fenômenos de dada realidade é decisiva para uma *mediação cultural jornalística*, já que: a) permite a interação e o compartilhamento de ideias; b) sustenta uma atividade jornalística de crítica à pauta hegemônica da informação; c) percebe os atores sociais em disputas narrativas; d) salienta o aspecto de observatório midiático; e) revela uma crítica programada ante o poder constituído e diluído do jornalismo.

## Mediação e jornalismo

Compreender os significados das palavras jornalismo e jornalista é uma tarefa conjunta. Analisar os dois ao mesmo tempo se faz necessário pelo fato de se tratar de uma relação intrínseca. O jornalismo molda o jornalista ou o jornalista molda o jornalismo? Talvez os dois ou nenhum deles. Assim como não é possível formular uma teoria da mídia, formular mais teorias para o jornalismo ou uma teoria do jornalista não daria conta de avaliar todos os processos que se desenrolam no exercício diário da profissão. O que fornece base para maior questionamento a respeito das práticas embutidas no fazer do processo é a identidade jornalística. Portanto, é importante diferenciar: desvendar *uma* ou *a* identidade jornalística não é formar uma teoria do jornalista ou criar novas hipóteses e teorias do jornalismo. As condições sociais são diferentes de lugar para lugar, embora práticas sejam, por vezes, redundantes. Em outras palavras, compreender quem é esse sujeito-jornalista, suas funções, de onde ele vem e quais são seus interesses é fundamental para se discutir processos comunicacionais mediados por grandes e pequenos veículos de imprensa do país.

Ao longo dos anos, o jornalismo brasileiro esbarrou e se entrelaçou a uma peculiaridade que moldou e condicionou narrativas e práticas do exercer da profissão, como aponta Lopes (2013). Trata-se do "corporativismo", uma doutrina que corrobora até mesmo com as questões que envolvem a exigência e derrubada do diploma, exercendo interferência também no que se entende como "verdade".

No jornalismo ou na comunicação, a verdade absoluta não existe. Pode-se obter a verdade correspondente aos fatos que nos são disponíveis e compreensíveis. Sendo assim, é correto dizer que a imparcialidade não existe? A imparcialidade e a objetividade não são mais do que mitos ainda não derrubados, que contribuem para a manutenção da credibilidade e da suposta isenção do principal produto jornalístico, a notícia, de seu profissional e do veículo executantes.

Traquina (1993) é incisivo ao apresentar uma função para a palavra que simboliza o principal insumo ou gancho das produções jornalísticas: "a notícia cria o acontecimento" (TRAQUINA, 1993, p.170). A notícia não apresenta, necessariamente,

aquilo que se sucedeu. E isso não ocorre simplesmente porque as palavras escapam ao jornalista quando ele tenta "traduzir" situações. Com a fotografia ou uma filmagem ocorre o mesmo. As narrativas jornalísticas mostram um mundo mediado, desmistificando a ideia de verdade absoluta ou representação fiel do real. Traquina permite emergir de suas reflexões que notícias são narrativas construídas dentro de certo modelo que atende a grupos seletos, mas de maneira a "servir a 'todos'". Alia-se a isso a ideia de corporativismo trazida por Lopes (2013), que justifica particularidades da notícia e de práticas jornalísticas atuais. Cai por terra, por conseguinte, o sofisma da objetividade que sustenta a notícia e seus derivados que dessa ideologia se valem para subsistir. Nesse empirismo ingênuo que reina no jornalismo, "[...] as notícias são vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real, bastando ao jornalista ser o espectador do que se passa, transmitindo-o fielmente" (TRAQUINA, 1993, p.168).

Se a verdade do fato não é, portanto, passível de alcance em sua natureza mais íntima, por que o jornal teria o dever de única e exclusivamente informar, sendo que hoje as informações estão *mais* disponíveis? A internet, por exemplo, garante-nos o fácil acesso à informação e à divulgação, mas não somos todos jornalistas.

Páginas de conteúdos supostamente jornalísticos se proliferam e veiculam "informações" sem devida apuração. Outros conteúdos são divulgados anonimamente. Também há o plágio – sobretudo dos textos –, como salienta Lopes (2013). Embora haja descontrole em relação ao grande fluxo de informações, muitos usuários, ao se depararem com notícias duvidosas, procuram pelo mesmo fato em veículos de comunicação já consagrados. Por outro lado, a checagem em sites tidos como "confiáveis" também mostra que há indivíduos tendenciosos a acreditar perpetuamente no conteúdo destes veículos e abertos a enxergar como verdade aquilo que é passado.

É preciso ter cuidado com o tipo de informação que veicula na rede. Sodré (2009) predizia o caos cibernético descrito por Lopes anos depois e verificado atualmente: "[...] na televisão ou na rede cibernética, principalmente, sem a garantia de um jogo correto das fontes, é cada vez mais difícil separar o imaginário do real ou o verdadeiro do falso" (SODRÉ, 2009, p.45).

Apoiando-nos no arcabouço proposto até agora, temos, pois, que jornalismo é

um recorte da realidade. Não um reflexo, porque não se trata de um espelho do real, já que se manifesta sob diversas formas nas esferas sociais. O jornalista medeia esse mundo recortado por meio de sua prática discursiva, de suas narrativas (LOPES, 2013, p.37).

Segundo Lopes, na retórica se faz presente um caráter político que lhe é inerente, ou seja, o discurso jornalístico é um discurso político. Há uma necessidade de se promover certa pedagogia, de ensinar ou inserir valores e ideologias e de apresentar ou traduzir a suposta verdade absoluta.

A narrativa jornalística é uma geradora de sentidos, e o problema se intensifica quando a dicotomia discurso narrado *versus* real se torna evidente e é exacerbada. E, apesar de não ser ficcional, ela toma partido e reforça, assim, a distinção do antigo paradigma "o Bem e o Mal", como afirma Sodré (2009). As narrativas jornalísticas são o *modus operandi* da sociedade – segundo quem as propõe. À luz dessas narrativas, o mundo é mediado, apresentado por vieses que incluem e excluem atores sociais, denunciam, expõem e escondem.

## **Mediação cultural jornalística**

Quando Genro Filho (2012) discute sobre a questão da identidade, tem-se um debate de natureza da abordagem jornalística e suas singularidades. Para ele:

A complexidade do fato jornalístico decorre da contradição inerente à produção do próprio mundo social. Essa contradição nasce da relação axiomática do sujeito com o mundo objetivo, na mesma medida em que a objetividade vai constituindo o substrato que confere realidade à autoprodução do sujeito. Logo, qualquer gênero de conhecimento é tanto revelação como atribuição de sentido ao real; assim como a projeção subjetiva não pode ser separada da atividade prática, a revelação das significações objetivas não pode ser separada da atribuição subjetiva de um sentido à atividade (GENRO FILHO, 2012, p.61).

Se pegarmos essa premissa de Genro Filho a respeito da complexidade do fato jornalístico e problematizarmos epistemologicamente o jornalismo, teríamos alguns pontos a destacar sobre como ele se condiciona como filtro mediador da realidade no

tocante à: a) Mediação propositiva ideológica; b) Mediação descritiva do acontecimento social; c) Mediação analítica; d) *Mediação cultural jornalística*.

Nesse sentido, pensar a narratividade jornalística é pensar também os seus propósitos de alteridade. Esse jogo não é simples, evidentemente, já que a narrativa está disposta na mediação *a priori*. Poderíamos levantar a hipótese necessária de que é da natureza do jornalismo a mediação da cultura, de qualquer cultura, já que é pela observação do outro que sua prática se edifica, tanto pelo aspecto identitário, quanto pelo aspecto funcional.

A atividade jornalística está disposta em torno da representação e da mediação. As teorias da comunicação preocupadas com essas acepções podem ser instrumentos de avaliação do jornalismo como atividade-fim da emancipação democrática. No entanto, há algumas demandas das quais o jornalismo não se livra, como o exercício diuturno da clivagem social, embalado por critérios de escolha que são alimentados por pontos de vista culturais.

É da natureza do jornalismo discutir cada vez mais o comezinho autorreferencial, a vida ordinária travestida de extraordinária, os desajustes de uma sociedade com problema latente de comunicação. A mediação nesse sentido passa a se configurar além do seu aspecto conceitual. Ela é também *práxis*. *Viomundo* define suas seções com os seguintes nomes: Política; Denúncias; Você escreve; Entrevistas; *Opinião do blog*; Falatório; Humor; TV; Recentes; Blog da saúde; Baú do Azenha.

O estabelecimento dessas nomenclaturas obedece a uma segmentação, é claro. Mas pontua o contato de duas instâncias: a representativa e a midiática. Ora, elas duas estão condicionadas a um terceiro termo, essencial para se entender as apreensões diluídas de realidades: a narração. Falamos da construção de uma "verdade verdadeira", o que desemboca nas questões de mediação.

A *mediação cultural jornalística* é essa disposição de entendimento de mundos peculiares e de agenciamento de fatos sociais, redimensionada a um papel contradiscursivo, contra-hegemônico. Por isso, *Viomundo* estaria notado na ideia de resistência, como projeto e como espaço de manifestação de um jornalismo pretensamente crítico.

Não deixa de ser uma retomada dos propósitos elencados por Genro Filho

(2012), já que a discussão estaria firmada pela percepção epistemológica. E, se o debate epistemológico coloca a tensão da atividade jornalística em seus "apagamentos de enunciação", é prudente salientarmos que a feição da representatividade jornalística, por si só, não se vincula ao controle apenas. Nesse sentido, pensar a *mediação cultural jornalística* é articular sua função associada à tomada de posição, que nos leva àquilo que Genro Filho chama de singularização. O conhecimento jornalístico não está dissociado, portanto, das demandas do social.

Se a apreensão de aspecto cultural em torno da atividade jornalística pode ser medida por uma costura dos acontecimentos, então *Viomundo*, nosso objeto de aferição, estaria condicionado a uma postura combatente, como podemos perceber nas seguintes manchetes:

- "*Caetano reclama de O Globo: 'Eu esperaria mais seriedade'*", de 16 de fevereiro de 2014;
- "*Globonews mostra o seu lado na cobertura e esconde a emoção de Lula*", de 17 de agosto de 2014;
- "*O riso nervoso da mídia: Marina pode provocar hecatombe tucana*", de 18 de agosto de 2014.

Não se trata apenas em evidenciar determinada crítica embutida no fabrico do acontecimento. *Viomundo* parece estender a noção do acontecimento na constante *mediação cultural jornalística*.

Por isso, seus códigos são demarcáveis a uma vigília da democracia, embora essa ancoragem de aspecto tradicional se vincule, necessariamente, a um entrosamento de causa jornalística. O texto "*Globonews mostra o seu lado na cobertura e esconde a emoção de Lula*" pode nos ajudar nessa percepção: "*Observando um resumo da cobertura da Globonews do velório de Eduardo Campos, em Recife. Nas imagens, destaque para José Serra, candidato ao Senado em São Paulo, que enfrenta o petista Eduardo Suplicy — que, aliás, conta com o apoio de Marina Silva. Foi mostrado três vezes. Também de forma simpática apareceram Aécio Neves e, ao longe, o governador Geraldo Alckmin. Por outro lado, literalmente piscaram as imagens do ex-presidente Lula, emocionado (ao chegar, ele pegou no colo o filho recém-nascido de Eduardo Campos) e da presidente Dilma Rousseff. No fim da reportagem, o filho mais velho*

*Campos puxa o coro de 'Eduardo, guerreiro, do povo brasileiro' diante de Dilma. Corta para a comentarista Cristiana Lobo, que destaca este último fato. Diz que a campanha recomeça 'do zero'. Resumo da ópera: que Marina Silva leve a eleição para o segundo turno, como quer a Globo. Porém, que não trate de deixar para trás o preferido da casa, Aécio Neves".*

No caso do trecho acima, nota-se certa abordagem discursiva e narrativa da Globonews ao tratar dos personagens políticos da eleição de 2014, após a morte do então candidato Eduardo Campos (PSB). Aliado a isso, verifica-se o caráter denunciativo de *Viomundo* ao apontar práticas jornalísticas da emissora e sua tentativa de criar um acontecimento sobre determinado fato social, lançando ao público o seu entendimento sobre este fato e criando uma espécie de blindagem em torno dele, respaldada ilusoriamente na retórica da imparcialidade. *Viomundo* mostra ainda, com o referido texto, que a Globonews tropeça em seu próprio discurso ao não conseguir manter durante todo o texto a blindagem que lhe é recorrente.

Já no texto "Caetano reclama de O Globo...", destaca-se o trecho: "*O black bloc Caetano Veloso reclama da cobertura de O Globo sobre o deputado Marcelo Freixo, do Psol. Talvez ele precise ler esta entrevista exclusiva dada ao Viomundo para entender as motivações da família Marinho. Se o Psol divertiu-se com a destruição do PT no processo do mensalão, agora parece ser a hora da vingança. Simpatizantes do PT se juntam à direita para uma caça às bruxas da esquerda*". Percebe-se nesse excerto uma crítica a setores de esquerda e direita da sociedade, na tentativa de mostrar que *Viomundo* não está situado em certo lado do jogo político, mas reafirmando seu objetivo de propor uma *crítica de mídia*, desnudando processos de construção de um acontecimento noticioso sobre um fato social. *Viomundo* indica que vai fazer uma decupagem a respeito de uma construção noticiosa, desvelando-a.

Há ainda, em "O riso nervoso da mídia...", uma tentativa de *Viomundo* de chancelar seu lugar de fala na conjuntura midiática, embora impregnado do espaço da *blogosfera*, ao se propor novamente uma análise do cenário político de 2014, pautada na crítica a polarizações como direita e esquerda (lançando-se na empreitada de habitar um mundo minimamente isento ou "centrista") e, como de praxe no site/blog, na exposição do falso argumento midiático hegemônico de "cumprindo seu dever de noticiar", visto

que, segundo o discurso de Azenha, tal recurso não seja aplicado igualmente ou justamente a todos os sujeitos envolvidos no fato noticiável. Isso pode ser exemplificado em: *"Como se sabe, Dilma nunca sorri nos jornais brasileiros"; "Não é por acaso. Se Lula ou Dilma forem vaiados em qualquer parte do Brasil, ainda que por meia dúzia de gatos pingados, a TV Globo vai garantir que o país todo saiba. O mesmo, obviamente, não acontece com qualquer outro político de qualquer outro partido. Pelo menos não de forma sistemática. Neste espaço também sugeri a blogueiros que não entrassem na onda de criminalização dos movimentos sociais que decorre de atribuir qualquer manifestação a 'coxinhas' dispostos a derrubar Dilma. Acho melhor tentar entender os desejos e desencantos que geraram a onda de protestos de 2013 que simplesmente descartá-los como resultado de alguma conspiração midiática nacional ou internacional"; e "Com o antipetismo em alta, Marina Silva simboliza para uma parcela do eleitorado a mudança 'na qual se pode confiar'. Aos olhos dos seus eleitores, é humilde, religiosa e incorruptível. É preciso frisar que Marina é respeitadíssima em vários movimentos sociais, dentre os quais o MST — um quadro dos sem terra chegou a me dizer que, em determinadas condições políticas, acredita que ela poderia fazer um governo à esquerda do primeiro mandato de Dilma. De minha parte penso que os grandes grupos econômicos que conduzem o Brasil, notadamente no setor financeiro, querem no Planalto o governo mais maleável que puderem obter e a maleabilidade está estritamente ligada à fraqueza do governo no Congresso. Marina Silva eleita por um partido em crescimento, mas ainda frágil como o PSB, é mamão com açúcar. Bastam duas colunas do Merval para colocá-la no 'rumo certo', se ela por acaso se dispuser a sair dele".*

Nesse encaminhamento, recorrente nos demais textos analisados, *Viomundo* vai se portar como um arauto crítico ao jornalismo da mídia hegemônica. Mais do que estar vinculado a determinadas noções fraternas do "nós", *Viomundo* se instala no sentimento avalizado da comunidade e do conseqüente tensionamento dessa visibilidade incômoda; essa é a sua natureza cultural de mediação e de tensão jornalística.

## Considerações finais

Desde seus primórdios, passando por suas ramificações, a mídia exerce presença direta nos sujeitos. Chegamos a nos comportar de maneira diferente quando diante dela e a aceitar suas proposições. Não é estranho detectarmos uma “mastigação” da cultura cotidiana ao ligarmos as emissoras de tevê a qualquer hora do dia. Os programas de auditório, os culinários, os *talk shows*, os telejornais... Um apanhado geral daquilo que é ordinário, isto é, da vida cotidiana. Ao reagir a isso, *Viomundo* demonstra seu contraponto à mídia hegemônica, ou seja, a seu modo de ver as coisas, a seu mundo mediado.

O site/blog transita entre a crítica de mídia e a reconstrução dos discursos veiculados. Na tentativa de argumentar sua crítica e legitimar *seu* acontecimento noticioso, *Viomundo* aponta as falhas dos oligopólios da comunicação nacional, condenando certo jornalismo pedagógico, mas também, remando para tal caminho, algo que se manifesta por meio da chamada "convocação" do público-leitor.

Dessa forma, a *mediação cultural jornalística* aqui problematizada passa pela identificação com ideais políticos e vai a uma autorreferencialidade de práticas jornalísticas, abrindo espaço até mesmo para discussões próprias do fazer jornalístico, de seu aspecto gnosiológico, de ordem retórico-discursiva, bem como outros aspectos. Ademais, ao reforçar sua posição de resistência contra-hegemônica, *Viomundo* nos faz saber de certo *ethos* jornalístico, sobretudo ao inserir-se na esfera virtual e social e ao assumir local de fala na disputa jornalística e, conseqüentemente, política.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Unesco, 2003.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**: identidade profissional e formação acadêmica. São Paulo: Paulus, 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Volume I: neurose. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2013.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de sociedade a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.